

Suruagy é contra reduzir mandato

RAIMUNDO GOMES
Correspondente

Maceió — Reduzir o mandato do presidente José Sarney de seis para cinco ou quatro anos é, para o senador Divaldo Suruagy (PFL-AL), "o que poderíamos chamar de golpe de força". Ele entende que, apesar de todas as dificuldades que o País vem atravessando, "o Presidente se faz credor do respeito, da admiração e da gratidão do povo brasileiro".

Na Constituinte, Suruagy vai defender um período de cinco anos para Presidente, governador e prefeito. Quanto ao mandato de Sarney, entretanto, ele acha que não há nada para se discutir. "O presidente foi eleito para um mandato de seis anos, que deve ser respeitado", advoga, afirmando sua posição contra as diretas-já.

O ex-governador e senador eleito de Alagoas fez essas colocações em entrevista exclusiva ao **CORREIO BRAZILIENSE**, analisando, ainda, o crescimento do PMDB, a popularidade de Sarney, a permanência da Aliança Democrática, o pacto social, a missão Brossard, a dívida externa e os desníveis sociais. Ele é a favor do regime parlamentarista e diz que o Brasil é um País onde a ordem é mantida.

— O PMDB foi muito beneficiado pelo Plano Cruzado e a popularidade do presidente José Sarney até as eleições. Com o reajuste do Plano, decretado três dias depois do pleito do dia 15, a maioria das lideranças do partido não quis ficar solidária ao Governo que havia lhe proporcionado uma vitória tão expressiva do Rio Grande do Sul ao Acre, excluindo Sergipe, nas eleições deste ano — disse.

Suruagy critica o posicionamento de vários governadores que se locupletaram do Plano Cruzado e, depois, quando o Governo teve que adotar algumas medidas drásticas, ficaram ostensivamente contra, com exceção — "que quero louvar e dignificar" — do ex-governador e hoje senador eleito José Richa, do Paraná. Richa achou que o partido que havia sido beneficiado devia arcar com o ônus da antipatia do Cruzado II.

INOPORTUNO

O senador do PFL preferiu não discutir com profundidade o reajuste do Cruzado. "Eu analiso a inoportunidade das medidas, pois elas deveriam ter sido anunciadas em agosto ou no máximo em setembro — e não três dias depois das eleições".

— Senador, se o Pacote anunciado no dia 18 de novembro tivesse saído antes das eleições o PFL teria sido beneficiado no dia 15?

A esta indagação Suruagy fez ver que não estava preocupado apenas com prejuízos em termos político-partidários. O PFL perdeu espaço, mas ele acha que a Nação é quem mais se prejudicou com o retardamento das medidas. E justifica:

— Se o reajuste do Cruzado tivesse saído no momento oportuno, o Brasil, de modo geral, é que sairia ganhando. Hoje nós impor-

tamos tudo: carne, arroz, leite, sal e até tampas de garrafas de cerveja. O Governo sabia que as nossas reservas cambiais estavam caindo com essas importações, mas preferiu segurar o o Cruzado II até depois das eleições.

PFL E GOVERNO

Com relação à Aliança Democrática — ameaçada de rompimento por alguns políticos do PFL, inclusive pelo deputado alagoano José Thomaz Nonô —, o senador eleito disse que enquanto o PFL compuser a equipe ministerial não tem como negar que é Governo. Ele defende o apoio do partido ao presidente Sarney, embora com certo critério, sem perder nenhuma oportunidade de criticar de forma construtiva.

— O PFL é governo porque cinco dos seus líderes são ministros, inclusive ocupando pastas da maior importância na estrutura administrativa — observa o ex-governador, prometendo atuar com uma postura crítica, debatendo, analisando e estudando as medidas oriundas do Planalto. "Não devemos aceitar decretos sem antes analisá-los, estudá-los com profundidade".

“



“Se o ajuste do cruzado tivesse saído em um momento oportuno, o Brasil sairia ganhando. Hoje, importamos tudo”

”

Interpelado se estaria se posicionando como líder provável do PFL no Senado, uma vez que tem seu nome cogitado (a semana passada esteve em Brasília tratando do assunto) para substituir ao senador Carlos Chiarelli, Suruagy afastou qualquer possibilidade de vir a ocupar o cargo:

— Meu apoio e meu voto são pela permanência do senador Carlos Chiarelli, um político profundamente talentoso; um dos maiores oradores que o PFL possui. Chiarelli foi para o sacrifício de uma luta inglória no Rio Grande do Sul e não seria correto que nós lutássemos contra ele. Pelo contrário, estou ao seu lado, defendendo sua permanência na liderança da bancada.

PACTO SOCIAL

O Pacto Social que volta a ser defendido pelo presidente Sarney tem o apoio de Divaldo Suruagy. "O pacto significa diálogo, entendimento. E toda a Nação, para poder transpor e superar suas dificuldades, seus obstáculos, tem que manter um diálogo permanente com as forças livres da sociedade. Acho ser esta

a condição intrínseca à arte de governar".

Suruagy entende que o governo "não é uma figura de um homem lá no palácio ou de um grupo que compõe o ministério. Governo são os sindicatos, as entidades de classe; são os empresários, os trabalhadores, as igrejas; enfim, tudo que é força viva organizada daquela sociedade que o integra, que influencia suas ações, quer no aspecto negativo, quer no positivo".

A Missão Brossard, segundo Suruagy, é uma medida rotineira dentro do processo político brasileiro. "Como o ministro do Trabalho recebeu a missão de dialogar com as classes trabalhadoras, o da Justiça, que desempenha um cargo eminentemente político do Governo, recebeu a missão de dialogar com as lideranças estaduais, principalmente os governadores eleitos".

O senador pefelista descarta a possibilidade de a missão do Ministro da Justiça representar o primeiro contato para a sucessão presidencial, inclusive sendo o próprio Brossard o nome preferido pelo atual inquilino do Planalto.

— Não faz o menor sentido essa especulação. Não se prepara uma candidatura à Presidência da República com uma simples viagem. Há uma série de fatores, uma série de forças que vão definir, no momento oportuno, daqui a mais quatro anos, os nomes para a sucessão do presidente Sarney, pois estou convencido de que seu mandato será de seis anos — disse.

PARLAMENTARISMO

Como Constituinte, o ex-governador vai defender o regime parlamentarista, por entender ser a forma ideal de Governo. Ele lembra que todos os países desenvolvidos, excluindo os Estados Unidos, têm o parlamentarismo como forma de governo. "Nos Estados Unidos eles têm um parlamentarismo à moda deles, porque o presidente mais votado pode não ser eleito se não tiver a maioria de votos do Colégio Eleitoral", ressalva.

O presidencialismo, conforme Suruagy, só existe de fato nos países do Terceiro Mundo, onde é imenso o subdesenvolvimento. "Qual o país mais desenvolvido que não tem o regime parlamentarismo?", questiona, citando o exemplo da Suécia, Inglaterra, França, Suíça, Holanda, Canadá e Alemanha.

MORATÓRIA

Outro aspecto abordado na entrevista é relacionado à moratória. Suruagy é contra, achando que toda dívida significa compromisso, e compromisso deve ser honrado. A Constituinte, a seu ver, deverá discutir a forma de como pagar a dívida externa sem sacrificar o desenvolvimento do País e o anseio de melhoria do padrão de vida do povo brasileiro.

— Nenhum país do mundo deixou efetivamente de pagar sua dívida até hoje — observa. A própria União Soviética, depois da Revolução de 17, quando implantou o regime comunista, pagou a seus credores.